



GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE ? 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuições para esse debate.

Fronteira étnica e a produção dos discursos dos não indígenas sobre os indígenas da etnia Kaingang da Terra Indígena Apucarantina, Tamarana-PR.

Autoria: Patrícia Carola Facina

O presente work busca explicitar ao leitor/a as relações entre indígenas da etnia Kaingang e não-indígenas, por meio dos discursos dos não-indígenas, de uma fronteira étnica, tendo como limite geográfico nesta pesquisa a cidade de Tamarana-PR, na qual localiza-se a Terra Indígena Apucarantina. A análise se realiza a luz da antropologia, utilizando-se sobretudo dos conceitos de etnicidade, alteridade, identidade e interação social, evidenciados por Fredrik Barth e trabalhados por Manuela Carneiro da Cunha e outros/as antropólogos/as, os quais explicitam a correlação destes conceitos em suas pesquisas. Utiliza-se das discussões acerca da imposição do não-índio que os colocam na necessidade da venda de artesanatos no meio urbano, trazida sobre o conceito de (re) territorialização, da antropóloga Kimiye Tommasino e também dos dados de Luciana Ramos que estudam/estudaram esta etnia nesta região. Os indígenas e não-indígenas desta área estabelecem contato direto, e estão em relação do que Fredrik Barth coloca como interdependência ou simbiose, logo, há uma relação mútua obrigatória entre os grupos, sendo esta devido a aspectos socioculturais e históricos impostos aos Kaingang, portanto para que seja possível visualizar a implementação destas teorias na pesquisa de campo apresentar-se-á também a incursão etnográfica realizada na terra indígena, em um rodeio organizado pela comunidade indígena a fim de comemorar o dia do índio, 19 de abril. Neste evento as representações dos não indígenas e indígenas, a partir de suas manifestações verbais e/ou artísticas, nos mostraram a criação de categorizações sobre o ser índio, nos evidenciando o resultado da alteridade, operado e verbalizado pelo princípio de categorias e fronteiras étnicas identitárias, vez que se encontram em uma "zona de fronteira" onde há constante interação. Emprega-se discussões do antropólogo Gersem José dos Santos Luciano como suporte teórico acerca destas categorizações, por ele colocada como perspectivas sociais. Para tanto foi utilizado de análises de Roberto



Cardoso de Oliveira e das reflexões de Samuel Veissière como suporte metodológico desta pesquisa.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

